

25 OUT 1990

DF - Museu
Museu

DO SALOON AO SALÃO

MAB escapa do faroeste da crise e coloca Brasília no mapa nacional da arte contemporânea

CELSO ARAÚJO

As 19 horas de hoje, no Museu de Arte de Brasília, a cidade recebe o mais importante lote de arte contemporânea brasileira com a abertura da exposição que consagra o Prêmio Brasília de Artes Plásticas. Autoridades, críticos e artistas saberão ainda quem será o agraciado com o grande prêmio de Cr\$ 1.000.000,00 entre os 20 convidados e 30 selecionados por um júri formado por Aracy Amaral, Sheila Leiner, Marcus Lontra, Márcio Doctors e Evelyn Berg.

Antiga reivindicação dos artistas da cidade, o Prêmio Brasília de Artes Plásticas desponta como o grande evento do ano neste setor. Mais de 750 artistas se inscreveram nas mais diversas categorias. Mais de 2.000 obras foram vistas por um júri altamente representativo entre críticos e professores de arte e assim o Museu de Arte de Brasília (às margens do Lago Paranoá, próximo à Concha Acústica) ganha um acervo atualíssimo e de primeira mão.

Para um dos integrantes do júri de seleção, o crítico Marcus Lontra, atualmente dirigindo o MAM do Rio de Janeiro, o Prêmio Brasília é o mais importante acontecimento do ano no país, "num ano difícil, em que as coisas não estão nada fáceis". O prêmio, diz ele, recoloca Brasília no mapa das artes plásticas brasileiras.

Marcus Lontra, no entanto, não é totalmente favorável a um grande Prêmio, que hoje será anunciado depois da avaliação de um júri formado por Frederico Moraes, Grace Freitas, Aguiinaldo Farias, Ana Mae Barbosa e Lélia Coelho Frota. "A idéia de uma grande premiação é muito questionável, porque você não pode comparar simplesmente artistas de gerações diferentes, de estilos diferentes. Você não pode avaliar da mesma maneira a obra de um Amílcar de Castro e de um Leonilson. Sei que é uma estratégia de marketing e não podemos ser puristas demais, mas acho que esse critério deveria ser repensado para o próximo ano".

De qualquer maneira, Marcus Lontra encontra várias razões para louvar a iniciativa. "Ora, são 50 obras de 50 artistas contemporâneos do País. O número de inscrições para o Prêmio surpreendeu a todo o júri, pois todo salão de artes tem as suas injustiças, mas os artistas mandaram suas obras em respeito a Brasília, inclusive".

Para Lontra, salão de arte é um evento típico ao século XIX. Hoje, a comunicação entre o artista e o público deveria se dar em outras articulações. Mas, de qualquer modo, a cidade de Brasília só tem a ganhar e o Museu de Arte de Brasília passa, a partir de agora, a ser uma referência fundamental para a arte brasileira dos últimos 30 anos.

"Eu lembro uma expressão da crítica Aracy Amaral. Brasília tem o privilégio e a responsabilidade de contar com essas 50 obras em seu museu. Responsabilidade porque exigem cuidados, atenção, segurança. E privilégio porque realmente estamos diante de 50 artistas brasileiros atuais e significativos".

A seguir, um perfil dos artistas de Brasília que participam do Salão de Artes Plásticas no MAB:

Babinsky — O Prêmio Brasília de Artes Plásticas, entre outras coisas, traz o reconhecimento público ao trabalho artístico de dois professores da Universidade de Brasília. O único artista convidado pelo júri de seleção é o pintor Maciel Babinski, 59 anos. Nascido em Varsóvia, Babinski ainda passou com os pais pelo Canadá, antes de vir para o Brasil em 53, naturalizando-se seis anos depois. Já era estudante de arte no Canadá quando começou a ouvir falar do Brasil. No Canadá, ainda chegou a participar de movimentos de arte entre os jovens canadenses que bus-

cavam uma identidade cultural, mas o apelo da aventura e da intuição foi mais forte.

Até 65, Babinski viveu no Rio de Janeiro, exercendo sua arte e trabalhando como funcionário de firmas. Em 65, por sugestão de Hugo Mundt Júnior, ele mandou seu currículo para a Universidade de Brasília. Deu certo e, logo, a seguir, errado. Babinski veio para a Universidade, mas o clima estava para lá de obscurantista e ele voltou pra São Paulo, onde viveu por doze anos, também atuando como gravador e pintor.

Um outro movimento, desta vez da busca de áreas saudáveis, levou-o à cidade mineira de Araguari, em 74. Foi o momento em que o Babinski retomou a pintura de paisagens. Em 87, com a readmissão dos professores da UnB, ele voltou à cidade, ao que parece definitivamente.

Babinski compara as duas Brasílias que conheceu. A primeira, uma cidade de poeira, sol em demasia e difícil adaptação, pois tudo estava por ser feito. A segunda, uma cidade pronta, mas já "precisando de reparos", em vários aspectos.

Sua opção definitiva pela pintura se dá a partir de 72, quando Babinski mergulhou nas paisagens do Triângulo Mineiro. "Eu pintava paisagens à óleo, de forma naturalista, como se fosse uma enorme terapia para me descondicionar da vida urbana de São Paulo". Hoje, Babinski diria que a sua pintura é uma sobreposição de vários estilos, indo do naturalismo ao abstracionismo. "Atualmente, não preciso necessariamente sair do meu ateliê na 410 Norte para pintar esses elementos da natureza".

A pintura é para ele a razão de existir. "É o meu fator de equilíbrio, apesar de estar sempre provocando o caso. Socialmente, me mantenho isolado, mas meu olho está sempre atento ao que os artistas estão fazendo".

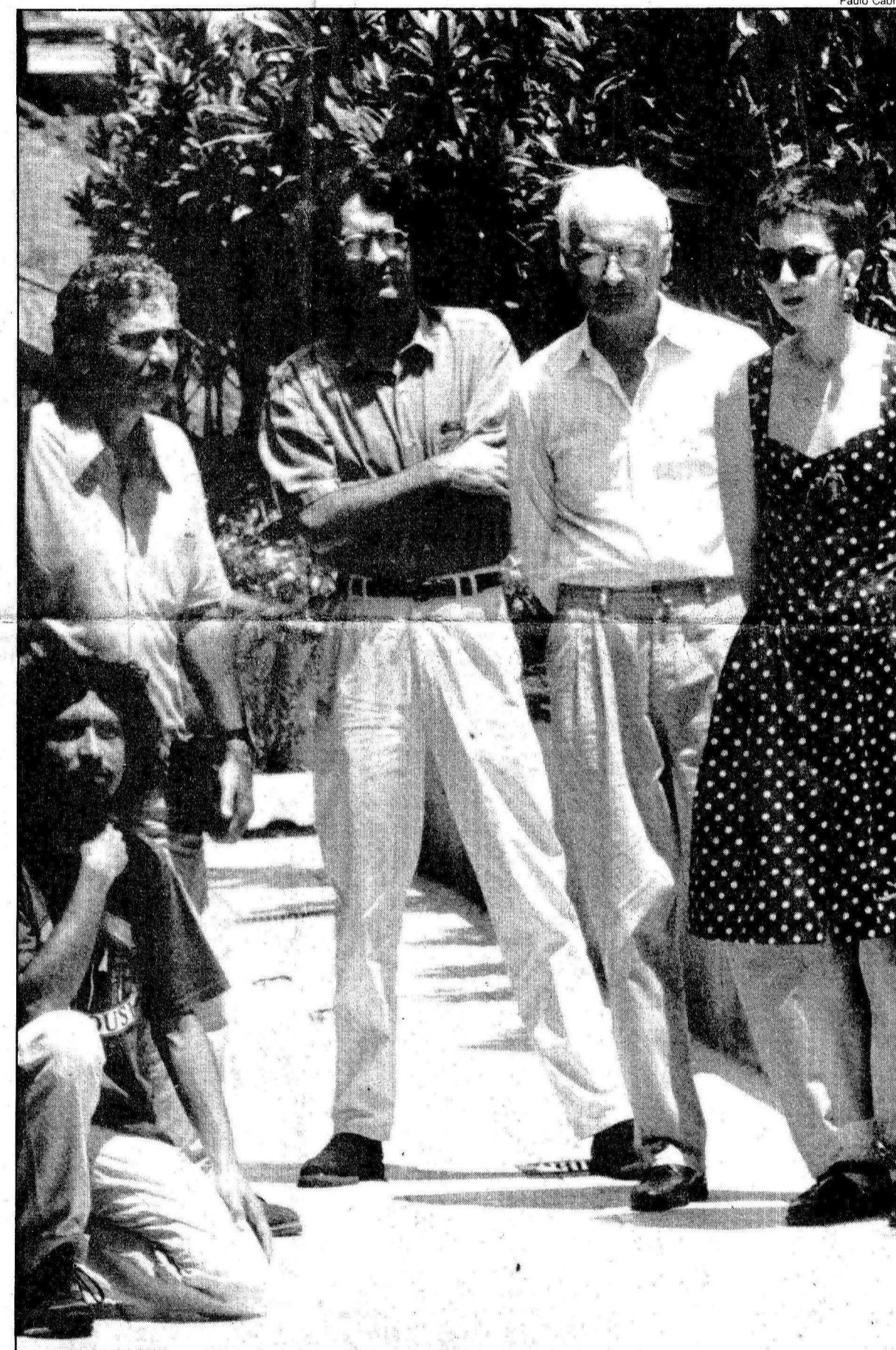
Brasília, diz ele, é uma cidade que está pronta para viver grandes e intensos momentos culturais. "Só precisa de uma boa administração, porque a bem dizer temos tudo". E ele não esconde sua satisfação com a realização do Prêmio Brasília: "Em quase 40 anos de carreira artística, nunca vi um museu investir num acervo de artistas vivos, isso é inédito e extremamente louvável. A resposta dos jovens artistas foi enorme".

Douglas Marques de Sá — É o mais veterano dos cinco artistas que foram selecionados entre os inscritos para o Prêmio Brasília. Nascido em São José dos Campos há 61 anos, Douglas passou a infância em São Paulo, formou-se em Jornalismo na Universidade do Rio de Janeiro e cursou a Escola Nacional de Belas Artes. Por muitos anos, Douglas trabalhou nas oficinas de jornal, mas sua iniciativa à arte se deu de fato na infância. Lembra-se com apreço das aulas de Pietro Maria Bardi no Museu de Arte de São Paulo, por volta de 48.

"A pintura é uma arte de adulto. Ela exige síntese e maturidade", diz ele. Em 50, Douglas já participava do 2º Salão Paulista de Arte Moderna. No Rio, amigo de cineastas como Fernando Coni Campos, também trabalhou no cinema — desde pequeno era um apaixonado pelos mitos da tela. Em 71, em direção de Emílio Fontana, ele produz um dos mais radicais filmes brasileiros, *Nené Bandalho*.

Mas é como pintor que ele conversa com o mundo. Para o Prêmio Brasília, enviou três telas, três paisagens. "A pintura está ligada ao meu autodílogo. Transito em mim mesmo. Seria impossível para mim saber que não poderia mais pintar", reconhece ele.

Durante muito tempo, Douglas ficava fantasiando uma cidade onde pudesse morar. O Rio, por razões



Brasilienses no Salão: Maravalhas, Douglas, Evandro, Babinsky e Ana (só Avatar não está na foto)

emocionais. São Paulo, por razões de mercado. "Depois é que descobri que eu não precisava ir pra lugar nenhum. Eu gosto daqui. Ainda cheguei aqui num tempo em que se podia comprar uma casa. Então, tenho um ateliê belíssimo, com muito espaço".

Há poucas semanas, Douglas Marques de Sá apresentou no foyer da Sala Martins Penna uma série de novas telas saídas do seu pincel. Uma pintura quente, visceral, que surpreende pela liberdade com que ele joga numa linguagem muito particular de cores, tensão formal e densidade poética.

Evandro Salles — É um dos artistas plásticos mais conhecidos de Brasília. No momento, integra a exposição Os 8 de Brasília, em São Paulo, ao lado de Athos Bulcão, Rubem Valentim, Galeno e Eduardo Cabral, entre outros. Nascido em Belo Horizonte, 35 anos, Evandro Salles é filho do escritor Fritz Teixeira Salles. Em arte, ele começou como artista gráfico e foi por algum tempo ilustrador do Jornal de Brasília. No final dos anos 70, Evandro passou pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde estudou com artistas como Rubens Gerschman e Roberto Magalhães.

No Museu de Arte de Brasília, a

partir de hoje, Evandro expõe três grandes telas, uma abstrata e duas figurativas, todas fazendo "uma abordagem metafísica do sexo".

Como integrante da Associação de Artistas Plásticos do DF, ele foi um dos primeiros a propor a realização deste Prêmio. "Brasília estava isolada do circuito nacional desde o final dos anos 60. Queríamos um grande evento que trouxesse novamente um fluxo de informações de alta qualidade e, ao mesmo tempo, colocasse os artistas em contato direto com essa produção nacional, permitindo um confronto, a descoberta mútua", diz ele. E para Evandro esses aspectos foram plenamente atingidos.

E sua crítica se faz clara: "Num momento em que o Governo Federal destrói sistematicamente as instituições culturais brasileiras, esse Prêmio é um exemplo de lucidez".

Para Evandro, na história da humanidade não há exemplos de civilizações que se desenvolveram sem a presença da cultura. "Mas a classe dominante brasileira ignora esse fato. E não é possível desenvolver uma cultura sem o subsídio do Estado, nem mesmo nos maiores centros culturais do mundo".

Ana Miguel — As mulheres estão

bem representadas no evento plástico do ano. Por Brasília, a carioca Ana Miguel, 28 anos, há cinco anos vivendo aqui. A aprendizagem de Ana Miguel, única concorrente a entrar na categoria de Gravura, está diretamente vinculada à Oficina de Gravura do Ingá, em Niterói, onde estudou com nomes como Anna Letícia e Carlos Martins.

Antes de vir morar em Brasília, ela chegou com a exposição *O que faço com as pedras? Não sei, mas é a sua vez*. Para este Prêmio Brasília, ela concorreu com três caixinhas contendo gravuras. Cada dia suas gravuras diminuem em tamanho e ganham em intensidade, embora ela admita que Brasília influenciou na dimensão de suas mais recentes criações.

"Também estou satisfeita com a realização do Prêmio. É importantíssimo o projeto do MAB em comprar obras para o seu acervo da maneira como foi feita, com um júri de alto nível. Isso dá uma dignidade ao evento que há muito tempo não se vê".

Hoje, por acaso, Ana Miguel participa também da inauguração do Escritório do Artista, no Setor de Divisões Sul, com um trabalho intitulado *A Pequena Sereia*, também de dimensão reduzidíssima, inspirado num conto de Andersen.

Suas gravuras, sempre colocadas dentro de objetos, tomam a conformação da pele desses objetos. São expressões contidas, mas de intensa emoção, que atraem a visão do espectador e ao mesmo tempo provocam grandes enigmas.

Maravalhas — Quem já viu as telas de Nélson Maravalhas não esquece aquela pintura de cenas espetaculares, às vezes grotescas, quase arrancadas do fundo dos sonhos. Ele próprio não tem explicações que pacifiquem o estranho. Nélson Maravalhas Júnior nasceu no Rio de Janeiro. Tem 34 anos e chegou a Brasília aos dez. Por volta dos 16, ele recorda-se, "não tinha nada pra fazer, nunca havia pensado em arte, era um ex-hippie, já havia sido preso por causa de drogas. Um dia, comprei um nânquim e um caderno de desenho e nunca mais parei".

O desenho e a pintura, pra ele, são uma armadilha da qual não escapa mais, uma ladeira sem volta. Maravalhas não se esquece de que oviu, um dia, na Escola de Arte do Brasil, uma professora lhe dizer: faça o que você quiser. Ele fechou os olhos e já sabia que imagens iria tornar reais em sua arte.

"Sinto que a arte pra mim é uma missão, é como uma obrigação que eu pinto as minhas telas. Não é porque é prazeroso, gostoso, às vezes é como uma cruz e as imagens que eu pinto pertencem ao substrato do coletivo", diz o pintor sem saber exatamente como se abrirá para ele as tais portas da percepção. "Pode dizer aí que tenho uma espécie de disritmia ou um parafuso solto".

Se as imagens são, de certa maneira, de um mundo coletivo, a sua pintura se dá num plano ultrapessoal. "Acho que é uma pintura que fura o bloqueio das artes plásticas e é capaz de interessar aos mais diversos segmentos".

No Prêmio Brasília, Maravalhas comparece com três telas que, por acaso, acabam tendo uma unidade. Chamam-se *Merchandise-Marte*, *Trindade* e *A Separação*. São telas que mostram um mundo inusitado e nada aprazível.

O pintor pergunta pelas obras que receberam menção honrosa por parte do júri. "Ora, se eles deram essa menção a esses novos artistas, por que esses quadros não serão vistos na exposição?".

Avatar — Há apenas três esculturas presentes no MAB neste Prêmio e um deles trabalha atualmente em Brasília. É o gaúcho Avatar de Moraes, professor da Universidade de Brasília, 57 anos, e que enviou para o Prêmio uma escultura de nome *Duas*, em laminado melamínico sobre compondo moldado, de grandes dimensões.

Avatar de Moraes decidiu-se pela arte aos 29 anos, depois de ter passado por vários setores das Artes Aplicadas. Chegou a expor em importantes galerias, mas abandonou por muito tempo a produção de obras de arte. Em 69, Avatar veio para Brasília integrar a equipe que reabriu o Instituto de Artes. Estudou nos anos de 73 e 74 no Centro de Estudos Visuais Avançados de Massachusetts. Em 86, morando no Rio, retornou sua produção artística.

Ele também teve louvores à realização deste Prêmio. "A melhor forma de se ter um bom acervo para um museu é essa. Não é burocrática ou arbitrária, pois a escolha é pública".

A escultura é a mais exigente das artes, diria Avatar. "Você precisa de materiais, grande espaço, instrumentos, ferramentas e um tempo maior. Numa época de crise como a que estamos vivendo, torna-se mais difícil ainda a atividade".